



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1270

TARTARUGAS, PEIXES-BOI E PIRARUCUS: O QUE OS REGISTROS HISTÓRICOS SOBRE A CAÇA E A PESCA REVELAM SOBRE A COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA?

Christian Fausto Moraes dos Santos

(UEM - Universidade Estadual de Maringá/LHC - Laboratório de História, Ciências e Ambiente)

Marlon Marcel Fiori

(UEM – Universidade Estadual de Maringá/LHC - Laboratório de História, Ciências e Ambiente)

Resumo. Na década de 1610, os colonizadores portugueses começaram a ocupar a Amazônia. Desde então, todos os anos, sobretudo no verão, milhares de tartarugas e seus ovos eram recolhidos nas praias, durante o período de nidificação. A estação de seca igualmente assinalava a época em que as caçadas aos peixes-boi e a atividade pesqueira eram mais intensas. Analisar os fatores que teriam contribuído para que tartarugas, peixes e peixes-boi fossem tão largamente explorados é um dos principais objetivos da obra *A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia*. Utilizando uma série de registros históricos, a pesquisa demonstra que, por fornecerem uma fonte abundante e relativamente confiável de carne e gordura, tais recursos da fauna aquática se tornaram essenciais para os portugueses na colonização da maior floresta equatorial do globo. Ao mesmo tempo, comparando informações das fontes com os dados ecológicos atuais, os resultados sugerem que esse processo acarretou em uma diminuição considerável das populações de tartarugas e peixes-boi, algo que tem sido pouco abordado ou subestimado por historiadores e biólogos.

Palavras-chave: Amazônia; Colonização; Tartarugas; Peixes; Peixes-boi.

Financiamento: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Introdução

Por volta de 1610, os europeus começaram a colonizar a Amazônia. No Amazonas e nos afluentes próximos ao seu estuário, holandeses, ingleses, irlandeses construíram fortificações e entrepostos comerciais. O plano era encontrar, na densa floresta equatorial, especiarias semelhantes às que compravam nos portos da Ásia que, em seguida, eram vendidas com altos lucros nas cidades europeias. Eles também esperavam destacar a floresta, na expectativa de achar solos férteis,

onde pudessem plantar cana-de-açúcar, tabaco ou outras culturas de clima tropical, igualmente comercializadas com lucros altíssimos no Velho Mundo.

Os portugueses já tinham se estabelecido em diversos pontos da costa brasileira anteriormente, mas se instalaram na Amazônia pouco tempo depois, em 1616. Nesse ano, fundaram um forte na foz do Amazonas, que depois se tornaria a cidade de Belém. Até a década de 1640, conseguiram expulsar os demais forasteiros europeus.

Garantir o domínio de parte Amazônia contra ingleses, holandeses e irlandeses, foi apenas uma parte, não muito complicada, da conquista dos portugueses. Eliminar populações indígenas com suas epidemias de doenças infecciosas ou subjugar-las com suas armas de fogo ou espadas de metal também. Muito mais difícil seria a conquista da terra. Na maior floresta tropical do globo, excessivamente quente e úmida, com um ambiente consideravelmente diferente do que estavam acostumados, os portugueses descobriram que sobreviver e prosperar poderia não ser algo fácil. Ali, os cereais de que dependiam não germinavam ou eram devorados por uma enorme quantidade de insetos, fungos e pragas. Em muitos casos, seus animais domésticos não tinham melhor sorte.

Na Amazônia, os portugueses tiveram que recorrer largamente aos alimentos locais. A mandioca, *Manihot spp.*, principalmente quando processada em farinha, se tornou a principal fonte de carboidratos dos colonos. Nos rios amazônicos, repletos de peixes, tartarugas e peixes-boi, eles encontraram uma fonte abundante e relativamente confiável de carne e gordura. Analisar os motivos que teriam tornado esses recursos da fauna aquática tão atraentes para os colonos, bem como os possíveis impactos da colonização sobre algumas espécies, foram alguns dos objetivos da obra *A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia*. Ao longo dos capítulos do livro, utilizando dúzias de registros históricos, os autores também procuram analisar como a abundância de alguns recursos aquáticos, há trezentos anos, parece contrastar com a atual. A obra procura compreender, ainda, como os portugueses podem ter contribuído para essa reviravolta ecológica. *A carne, a gordura e os ovos*, portanto, demonstra como o estudo atento da pesca e caça de peixes, tartarugas e peixes-boi, no período colonial, pode ampliar o conhecimento da colonização portuguesa na Amazônia.

Procurar bandos catetos nas matas ou arpoar pirarucus?

No fim de dezembro de 1754, a Primeira Comissão Demarcadora de Limites aportou na aldeia de Mariuá, no rio Negro. Ali, esperariam os demarcadores espanhóis para, juntos, tentar determinar os limites fronteiriços da América, uma questão que há muito ocupava as relações diplomáticas entre Portugal e Espanha (RAMINELLI, 2008). Seis meses depois, ainda sem nenhuma notícia dos espanhóis, o comandante da Comissão e então governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, enviou uma carta para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar.

Sobreviver na distante aldeia, dizia o governador na correspondência, não estava sendo tão simples. Para alimentar os membros da grande expedição (com cerca de 900 pessoas) era necessário que canoas trouxessem farinha de mandioca, galinhas e outros suprimentos de povoações no Amazonas e no Solimões. A carne de gado bovino era quase um mimo, devido aos obstáculos de transportar os animais em embarcações. Excetuando-se os frangos, toda a proteína animal ingerida tinha que ser tirada dos rios e não na floresta. As caçadas, ao contrário do que poderia parecer inicialmente, não tinham êxito, algo que incomodava o governador:

Este rio [Negro], ainda que não é tão abundante como as Amazonas, no tempo em que está vasio, nos provê suficientemente, quando porém está cheio, com dificuldade se pode pescar, mas ainda assim, sempre ou mais, ou menos se apanha peixe, e só me lembra que em um dia o não houve. A caça que aqui há é mais rara, e estando neste arraial há seis meses, ainda me não entrou nesta casa veado, javali, ou ave alguma, e vamos somente socorrendo-nos do rio, e das pescarias que tenho estabelecidas no Solimões, das quais além do peixe sêco, nos tem vindo inumeráveis tartarugas. Pelas canoas que trago a resgatar galinhas, farinhas, e outros mantimentos, por todas as Amazonas e Solimões, me têm vindo também algumas vitelas, ainda que mui poucas, porque se faz sumamente dificultoso o seu transporte (FURTADO apud MENDONÇA, 1963b, p. 754-755).

Para Mendonça Furtado deveria ser, no mínimo, estranho que, em meio a exuberante floresta equatorial, repleta de árvores frondosas, nenhum porco-do-mato, veado ou qualquer ave sequer, fossem abatidos. Porém, como o governador talvez estivesse começando a entender, não é tão fácil caçar na Amazônia e poderia ser muito mais vantajoso procurar carne nos rios e lagos do que nas matas. Essa

questão, de como a pesca poderia fornecer uma fonte de proteínas mais vantajosa e relativamente mais segura do que a caça, é um dos focos do primeiro capítulo da obra. O capítulo também analisa algumas das espécies de peixes que foram visadas para o consumo dos colonizadores, como o pirarucu.

Na floresta amazônica, diversos fatores dificultam a tarefa dos caçadores de conseguirem abater animais em abundância e obter uma quantidade satisfatória de carne e outros recursos valiosos, tais como gordura e couro. A maior parte da biomassa animal disponível na maior floresta equatorial do globo é composta por insetos (OVERAL, 2001). Porém, apesar da sua abundância (e potencial valor nutricional), os portugueses não estavam dispostos, como faziam algumas etnias indígenas, a mitigar sua fome com larvas de besouro ou as infindáveis formigas do gênero *Atta*. Excluindo-se os insetos, a melhor maneira de um caçador encontrar um vertebrado como presa seria na copa das árvores, já que em uma área sem desmatamento recente, é na copa das árvores, a cerca de 30 a 40 metros do solo, que a maioria dos animais estão localizados (NEVES, 2006).

Procurando apenas no chão da floresta, os caçadores não têm tantas oportunidades. Isso porque, ao contrário da savana africana, onde é comum a ocorrência de espécies grandes e que andam em bandos, os animais terrestres amazônicos são solitários. Além disso, eles têm comportamento territorial imprevisível e, em muitos casos, hábitos noturnos (NEVES, 2006). Uma exceção seriam os porcos-do-mato, mas os bandos de catetos e queixadas têm comportamento territorial igualmente imprevisível.

Em comparação com esse padrão incerto e imprevisível dos animais da floresta, que torna a caça uma tarefa cujo dispêndio energético nem sempre é recompensado, os rios, lagos e igarapés, forneciam uma fonte mais previsível e abundante de alimentos. Nessas áreas, os colonos podiam arpoar peixes-boi e capturar tartarugas. Podiam, ainda, se aproveitar da enorme ictiofauna amazônica que, ao menos durante a estação de seca, se amontoavam nos canais dos rios ou lagos, tornando-se mais fáceis de serem apanhados. Essa facilidade de captura e abundância de peixes não passou despercebida pelo explorador francês Charles-Marie de La Condamine que, em 1743, quando navegou o Amazonas, afirmou, com um ácido eurocentrismo, que a natureza havia favorecido a morosidade dos índios:

A Natureza parece ter favorecido a preguiça dos índios, e ter ultrapassado as suas necessidades: os lagos e pântanos que ocorrem a cada passo às margens do Amazonas e, por vezes, bem para o interior das terras, enchem de peixe de todos os tipos na época das enchentes do rio e, quando as águas baixam, permanecem ali confinados, como em lagoas ou reservatórios naturais, onde se pescam com a maior facilidade (CONDAMINE, 1745, p. 159, tradução nossa).

As vantagens de se apanhar peixes (e outros recursos da fauna aquática) demonstram porque esses animais se tornaram importantes na alimentação dos portugueses. As mesmas vantagens também ajudam a entender porque o governador Mendonça Furtado, após meses em Mariuá, normalmente era servido com peixes e tartarugas em suas refeições, mas raramente conseguia degustar alguma presa abatida nas caçadas. Em geral, ou pelo menos durante boa parte do ano, é mais fácil e previsível procurar proteínas nos rios, lagos e igarapés da Amazônia, fisingando ou arpoando cardumes de peixes, do que se aventurando pela floresta equatorial.

Ainda que os rios amazônicos abriguem algo em torno de três mil espécies de peixes (SANTOS; FERREIRA; ZUANON, 2009), com tamanhos e comportamentos diferenciados, algumas espécies parecem ter sido mais visadas para o consumo dos colonizadores. Uma delas foi o emblemático pirarucu (*Arapaima gigas*). Principalmente desde a década de 1750, o consumo da carne desses peixes enormes parece ter aumentado entre portugueses. Para as viagens e expedições suas mantas salgadas e secas eram acomodadas nas canoas para servir como suprimento durante o trajeto. Nas vilas, a preferência era o preparo do *Arapaima gigas* fresco e, na falta deste, cozinhava-se postas curtidas em salmoura. O filósofo natural Alexandre Rodrigues Ferreira, por exemplo, notou, em 1787, que nas capitâneas amazônicas havia tantos pirarucus que “(...) que delle pela maior parte se fazem as provisões de Peixe sêcco e de [sal]moura, para os fornecimentos das Canôas de viagem; o segundo para as mêzas particulares, quando não há fresco” (FERREIRA, 1903c, p. 157).

Apanhar um pirarucu significava uma recompensa acalentadora para um colono. Quando adultos esses peixes podem atingir até três metros de comprimento e pesar duzentos quilos (GOULDING, 1997), o que garantia um suprimento bastante satisfatório de carne. A língua e as escamas do peixe também não eram

desperdiçadas. Óssea e espinhosa, a língua era usada como ralador, enquanto que as escamas eram empregadas como lixa (FERREIRA, 1903c). Além disso, para um peixe enorme, o pirarucu era relativamente fácil de ser fígado, ou melhor, arpoado.

As brânquias respiratórias do pirarucu não são suficientes para suprir sua demanda por oxigênio. Consequentemente, ele precisa vir à superfície para respirar, utilizando sua bexiga natatória altamente vascularizada, que serve como pulmão (RAMOS, 2008). Essa era a oportunidade ideal para os pescadores arpoá-los, sobretudo durante a estação de seca, quando o *A. gigas* costuma ficar concentrado nos lagos de várzea. Paradoxalmente, a mesma bexiga natatória que tornou o pirarucu um predador formidável nos lagos de várzea, onde encontra alimento em abundância e, por sua respiração área, capaz de resistir às baixas concentrações de oxigênio, decorrentes da decomposição da matéria orgânica nesse ambiente, tornou-o uma presa formidável para os portugueses.

Pisotear os ovos e virar milhares de tartarugas-da-amazônia de pernas para o ar

O segundo capítulo de *A carne, a gordura e os ovos* analisa o recurso da fauna aquática amazônica mais explorado pelos portugueses: as tartarugas. A Amazônia abriga, pelo menos, dezesseis espécies de quelônios, mas nem uma delas foi tão drasticamente perseguida como a tartaruga-da-amazônia, chamada de *jurararetê*, pelos indígenas, e conhecida como *Podocnemis expansa*, pelos cientistas.

As tartarugas-da-amazônia eram presas atrativas para os colonizadores. Quando adultas, costumam pesar entre 25 e 45 quilos, o que as torna o maior quelônio de água doce da América do Sul. A espécie também não é difícil de ser encontrada, pois ocorre nos principais rios da bacia amazônica (VOGT, 2004). Para os portugueses, porém, a maior vantagem era seu comportamento de nidificação. Ao contrário dos demais quelônios amazônicos, *P. expansa* nidifica em *arribadas* (nidificação em massa das tartarugas), durante a estação de seca. Amontoadas nas praias, escavando a areia para depositar os ovos, tornavam-se bastante vulneráveis. Os colonizadores então se aproveitavam da ocasião para lançar-se sobre elas, virá-las de pernas para o ar e recolher um sem número delas. “No tempo, em que as

tartarugas estão nas praias, he que se faz o maior provimento, porque se lança mão dellas, e se virão com as costas para a terra, ficando assim impossibilitadas a moverem-se, e se carregão para as embarcações”, comentou um colono, em meados da década de 1770 (SAMPAIO, 1825).

Depois de serem impedidas de ser mover, as tartarugas eram recolhidas para os chamados *currais* (lagos artificialmente construídos ou lagoas cercadas), para serem abatidas conforme a demanda. Isso garantia aos colonizadores um suprimento de carne confiável. Ao mesmo tempo, evitava que tivessem de conservar toda a carne. Algo complicado em uma região onde o sal era escasso e o ambiente quente e úmido, repleto de moscas e fungos, deteriorava tudo em poucas horas.

Algo que chama a atenção não é só o número de espécimes coletados pelos portugueses, mas também a exuberante abundância de *P. expansa* no período colonial. Após quase oito anos na Amazônia, por volta da década de 1750, o astrônomo italiano Giovanni Angelo Brunelli publicou, em 1791, *De Flumine Amazonum* [*Sobre o rio Amazonas*]. Em trecho desse texto, ele comentou que, no período de desova, subiam as praias em tão grande número, que era possível ver “(...) escurecerem-se enormes trechos de areia de modo admirável que se prolongam por um espaço de muitas léguas” (BRUNELLI, 2011). Outro registro histórico, da década de 1780, menciona que em algumas regiões o número de tartarugas mortas era tão elevado que os cascos podiam ser usados para pavimentar trechos de ruas (FERREIRA, 1903a). Outro relato, da década de 1760, chegou até mesmo a sugerir que, caso os portugueses não abatessem tantas tartarugas, “o infinito numero” destes animais poderiam atrapalhar a navegação nos rios (FONSECA, 1826).

Esses e muitos outros relatos, numerosos ao longo do período colonial, sugerem como o número de tartarugas-da-amazônia, encontrado cerca de trezentos anos antes, diminuiu fortemente. Hoje em dia, as arribadas de *P. expansa* têm apenas dezenas ou centenas de fêmeas, ocupando pequenos e esparsos trechos de praias. Ao mesmo tempo, eles sugerem como os portugueses podem ter contribuído para uma diminuição tão significativa das populações desta espécie, não somente por causa de sua busca por carne, mas também por sua busca desenfreada por gordura e combustível, obtida por meio da chamada *manteiga dos ovos*.

Depois de recolher as tartarugas, os colonizadores saqueavam os ninhos. Os ovos eram amontoados em enormes pilhas nas praias, jogados dentro de canoas e pisoteados. Acrescentava-se água e essa untuosa mistura era deixada ao sol, tempo suficiente para que o óleo boiasse na superfície. Em seguida, o óleo era coletado e fervido em grandes tachos. Por fim, os colonos armazenavam a *manteiga* em potes de barro, conhecidos como *camotins*. Com essa *manteiga*, os portugueses cozinhavam e, principalmente, iluminavam suas lâmpadas de óleo e ruas das vilas e cidades (LANDI, 2002).

Como a manufatura de um único pote de *manteiga* demandava uma grande quantidade de ovos, cerca de 1.300 deles, segundo uma média conservadora, elaborada através dos registros históricos (FERREIRA, 1903a; DANIEL, 1976a; MOREIRA apud PAPAVERO; TEIXEIRA, 2011), podemos ter uma noção do impacto da busca dos portugueses por essa insustentável fonte de gordura. Nas praias do rio Solimões, um colono notou, na década de 1770, que eram produzidos “(...) anualmente muitos mil potes de manteiga de tartaruga (...)” (SAMPAIO, 1825). O mesmo ocorria em outras praias dos rios amazônicos, o implicava na destruição de milhares de ovos de *P. expansa*. Em uma vila do rio Negro, por exemplo, outro relato mencionou que, em único ano, foram manufaturados de 100 a 120 mil potes de *manteiga dos ovos*. Uma quantia impressionante, que redundou no esmagamento de algo em torno de 130 a 156 milhões de ovos (WILKENS, 1819).

Com tamanha destruição de ovos pelos colonizadores, somada à captura de um grande número de indivíduos, podemos presumir, ao menos em parte, porque as populações de tartaruga-da-amazônia diminuíram tão fortemente. Ao recolher tantas fêmeas e entulha-las em *currais*, para garantir um suprimento seguro de carne, e recolher e pisotear milhões de seus ovos, na busca por *manteiga*, os colonizadores estavam não apenas retirando dos rios a geração reprodutora. Eles estavam também impedindo que boa parte da próxima geração nascesse.

Rastrear, arpoar, abater a pauladas, destrinchar e conservar a carne

O último capítulo da obra aborda a matança e uso dos peixes-boi na Amazônia. Esses animais pertencem ao gênero *Trichechus*, que abrange três espécies. Duas delas ocorrem no Brasil: o peixe-marinho que, na verdade, trata-se

de uma subespécie (*Trichechus manatus manatus*), e o peixe-boi-da-amazônia (*Trichechus inunguis*). O primeiro ocorre em áreas costeiras e estuarinas de estados do Norte e Nordeste. Trata-se de animais corpulentos e pesados que, quando adultos, podem atingir até 4 metros de comprimento e pesar 600 quilos (LUNA; ANDRADE, 2011). O peixe-boi-da-amazônia, por sua vez, é a menor das espécies de Sirênios, embora não sejam pequenos: podem alcançar 3 metros de comprimento e pesar cerca de 450 quilos. É a única espécie de peixe-boi essencialmente de água doce, podendo ser encontrada no rio Amazonas e seus principais afluentes (DA SILVA, 2004).

As populações nativas abatiam os peixes-boi. Mas, aparentemente, não há indícios de que tenham causado severo impacto nas populações desses animais. Com a chegada dos portugueses isso mudou. Os colonizadores caçavam os peixes-boi por causa de seu tamanho e peso, que garantia uma generosa recompensa de carne e gordura. Além disso, aproveitavam-se do fato dos peixes-boi serem facilmente capturados, devido à sua docilidade.

O método de caça dos peixes-boi consistia no uso do arpão. Os animais eram rastreados, arpoados, embarcados para as canoas e mortos a pauladas. A presa era então destrinchada. Para conservar a carne os portugueses utilizavam sal, embora, normalmente, preferissem conservá-la na forma de *mixira*, devido à escassez do produto. No preparo da *mixira*, a carne era picada em pedaços, fervidos n'água. Em seguida, eram fritos na banha do próprio peixe-boi e armazenados em *camotins*, embebidas na gordura. Tais potes podiam ser armazenados, sem estragar, por um bom tempo. A carne de peixe-boi "(...) é muito procurada (...). Para dizer a verdade é muito útil, porque além de ser comida assada, reduz-se ainda em pedaços fritos, os quais se conservam por um ano em sua gordura liquefeita, e chamam-na mixira", escreveu um colono, por volta de 1770 (LANDI, 2002).

Além do preparo do *mixira*, cujos potes eram bastante comercializados na Amazônia, os portugueses igualmente derretiam a banha do peixe-boi que, assim como a *manteiga dos ovos*, era usada para fins culinários e para a iluminação pública e residencial. Belém do Pará e uma série de vilas e aldeias, por toda a floresta equatorial, eram iluminadas todas as noites devido ao saque dos ovos de tartarugas e caça desses animais.

Para duas espécies ameaçadas de extinção, sobretudo o peixe-boi-marinho, o número de animais abatidos no período colonial são reveladores. Somente em uma área de abate, na vila de Franca, no rio Tapajós, mais de 1.500 peixes-boi-da-amazônia foram mortos nos primeiros anos da década de 1780 (FERREIRA, 1903b). O número de animais arpoados era tamanho, que um jesuíta chegou a afirmar, na década de 1720, talvez não sem certo exagero, “(...) que se alguém empilhasse apenas aqueles [peixes-boi e tartarugas] que foram pegos e comidos até agora [pelos portugueses], eles fariam montanhas maiores do que as de Potosí” (ARAÚJO apud ROLLER, 2013) – referindo-se a famosa reserva de prata espanhola, com quase quatro mil metros de altitude, na cordilheira andina.

Com tantos anos de caçada excessiva, não parece ser algo anormal que as populações de *T. manatus* e *T. inunguis* tenham diminuído tanto. Ainda mais se tratando de duas espécies dóceis, corpulentas, que atingem a maturidade sexual tardiamente e têm, em geral, apenas um filhote a cada gestação, em média, de três em três anos.

Considerações finais

A história da Amazônia tem sido contada de várias maneiras. E analisá-la a partir de uma perspectiva da caça e pesca de peixes, tartarugas e peixes-boi, nos ajuda a compreender importantes aspectos das condições de vida e alimentação dos portugueses na colonização da maior floresta tropical. Ao ser o um dos temas centrais em *A carne, a gordura e os ovos*, a obra ajuda a compreender como tais recursos, ao fornecerem carne, gordura e combustível, foram extremamente importantes para a sobrevivência dos portugueses no ambiente quente, úmido e gritantemente vívido da Amazônia. Um ambiente diferente do que estavam familiarizados, onde suas técnicas, conceitos e equipamentos nem sempre eram eficientes, onde suas plantas não germinavam e seus animais domésticos nem sempre se adaptaram.

Nos rios e lagos da Amazônia, os colonizadores podiam apanhar toneladas de peixes, sobretudo na estação de seca, garantindo um suprimento satisfatório e relativamente seguro de carne. Em contrapartida, as caçadas nas matas costumavam ser mais imprevisíveis. Nas áreas ribeirinhas, podiam encontrar nos

rios e suas praias uma quantidade enorme de tartarugas e peixes-boi que, de formas diferentes, garantiam um suprimento abundante de proteínas, gordura e combustível.

Ao mesmo tempo, a obra revela como, há cerca de trezentos anos, a quantidade de tartarugas-da-amazônia e das duas espécies de peixes-boi eram consideravelmente mais abundante, sobretudo para os padrões atuais. Após séculos de perseguição e matança infatigável, toda essa abundância desapareceu. Em muitas das principais praias de coleta de tartarugas e seus ovos no período colonial, esses animais raramente são vistos. O mesmo aconteceu com o peixe-boi-da-amazônia e de peixe-boi marinho. Esse último, inclusive, hoje em dia é o mamífero brasileiro mais ameaçado de extinção. Em *A carne, a gordura e ovos*, ao vasculhar os registros históricos, é difícil imaginar que a colonização portuguesa, sobretudo no setecentos, não tenha contribuído para tal fato. Contudo, historiadores e biólogos ainda têm prestado pouca atenção nos impactos dos colonizadores na Amazônia.

Referências

BRUNELLI, Giovanni Angelo. De flumine Amazonum. In: PAPAVERO, Nelson; CHIQUIERI, Abner; OVERAL, William L.; SANJAD, Nelson; MUGNAI, Riccardo. **Os escritos de Giovanni Angelo Brunelli (1722-1804), astrônomo da comissão demarcadora de limites, sobre a Amazônia brasileira**. Belém: Fórum Landi, 2011, p. 122-163.

CONDAMINE, Charles-Marie de la. **Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la Côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil & de la Guiane, e en descendant la riviere des Amazones**. Paris: Veuve Pissot, 1745.

DA SILVA, Vera M. F. O peixe-boi da Amazônia *Trichechus inunguis* (Sirenia: Trichechidae). In: CINTRA, Renato (Org.). **História natural, ecologia e conservação de algumas espécies de plantas e animais da Amazônia**. Manaus: EDUA; INPA; FAPEAM, 2004, p. 283-289.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no rio Amazonas**. v. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976a.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Memoria sobre a Yurara-reté: as tartarugas, que foram preparadas e remetidas nos caixões, n. 1 até n. 7 da primeira remessa. **Archivos do Museu nacional do Rio de Janeiro**, v. 12, p. 181-186, 1903a.

_____. Memoria sobre o peixe boy e do uso que lhe dão no Estado do Grão Pará. **Archivos do Museu nacional do Rio de Janeiro**, v. 12, p. 169-174, 1903b.

_____. Alexandre Rodrigues. Memoria sobre o peixe pirá-urucú de que já se remetteram, dous da Villa de Santarem para o Real Gabinete de Historia Natural e agora se remetem mais cinco desta Villa de Barcellos, os quaes vão incluídos nos cinco caixoes, que constituem parte da sexta remessa do rio Negro. **Archivos do Museu nacional do Rio de Janeiro**, v. 12, p. 155-158, 1903c.

FONSECA, José Gonsalves. Navegação feita da cidade do Gram Pará até à bocca do Rio da Madeira pela escolta que por este rio subio às Minas do Mato Grosso, por ordem mui recommendada de Sua Magestade Fidelissima no anno de 1749, escripta por Jose Gonsalves da Fonseca no mesmo anno. In: *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhe são vizinhas*, v. 4, n. 1, 1826.

GOULDING, Michael. **História natural dos rios amazônicos**. Brasília: Sociedade Civil Mamirauá; CNPq; Rainforest Alliance, 1997.

LANDI, Antonio Giuseppe. O códice: descrizione di varie piante, frutti, animali, passeri, pesci, biscie, rasine, e altre simili cose che si ritrovano in questa Cappitania del Gran Pará [ca. 1772]. In: PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins; CAVALCANTE, Paulo. B.; HIGUCHI, Horácio. **Landi: fauna e flora da Amazônia brasileira**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

LUNA, Fábيا de Oliveira; ANDRADE, Maurício Carlos Martins de. Peixe-boi marinho. In: ANDRADE, Maurício Carlos de; LUNA, Fábيا de Oliveira; REIS, Marcelo Lima (Org.). **Plano de ação nacional para a conservação dos sirênios: peixe-boi-da-Amazônia: *Trichechus inunguis* e peixe-boi-marinho: *Trichechus manatus***. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade; ICMBio, 2011, p. 19-24.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **A Amazônia na era Pombalina. Correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759**. v. 2. São Paulo: Carioca; IHGB, 1963b.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OVERAL, William L. O peso dos invertebrados na balança de conservação biológica da Amazônia. In: CAPOBIANCO, João P. Ribeiro; VERÍSSIMO, Adalberto; MOREIRA, Adriana; SAWYER, Iza dos Santos; PINTO, Luiz Paulo (Orgs.). **Biodiversidade da Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios**. São Paulo: Estação Liberdade; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2001, p. 50-59.

RAMINELLI, Ronald. **Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância**. São Paulo: Alameda, 2008.

RAMOS, Cleverson Agner. **Caracterização morfofuncional das brânquias de *Arapaima gigas*, durante a transição da respiração aquática para respiração aérea**. Dissertação de mestrado – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

ROLLER, Heather Flynn. Expedições coloniais de coleta e a busca por oportunidades no sertão amazônico, c. 1750-1800. **Revista de História**, n. 168, p. 201-243, 2013.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. **Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da capitania de S. Joze do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio no anno de 1774 e 1775; exornado com algumas noticias geograficas, e hydrograficas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica, e natural della, aos uzos, e costumes, e diversidade de nações de indios seus habitadores, e á sua população, agricultura, e commercio**. Lisboa: Typografia da Academia, 1825.

SANTOS, Geraldo Mendes dos; FERREIRA, Efrem J. G.; ZUANON, Jansen A. S. **Peixes comerciais de Manaus**. Manaus: INPA, 2009.

VOGT, Richard. **Tartarugas da Amazônia**. Lima: Gráfica Biblos, 2008.

WILKENS, Henrique João. **A Muhraida, ou a conversão, e reconciliação do gentio-muhra. Poema heroico em seis cantos, composto por H. J. Wilkens. Dado á luz, e offerecido ao Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Antonio José d'Oliveira, bispo d'Eucarpia, suffraganeo coadjutor, e provisor do Arcebispado de d'Evora, do Conselho de S. Magestade, etc. etc. etc, pelo seu capellão o P. Cypriano Pereira Alho, presbytero eborense**. Lisboa: Impressão Regia, 1819.